

Barboleta Sumaríssima

Gloria Horta



Faésia





Ilustração
Regina Lemgruber Julianele

Editoração de imagens
Antonio Henrique de Oliveira Maia Cruz

Folha do rosto
Julian Stenzel Martins
(aos 6 anos)

Projeto gráfico e editoração de textos
Glória Horta

Rio de Janeiro
1999

Hoje é longo

Nelson Rodrigues afirmou que “o jovem só pode ser levado a sério quando fica velho”.

Poderia ser só uma frase de efeito, se não fosse verdadeira muitas vezes. Seria esse o caso de G. H.?

Em **Borboleta Sumaríssima** nos deparamos com a beleza da poesia através da mais avassaladora das melancolias, a da perda.

Os poemas fustigam a morte dos pais, intrigam o falecer dos sonhos, questionam o fim da juventude, zombam da agonia da família e se rendem à hemorragia do tempo que leva até a memória embora.

Enfim o livro teria tudo para ser uma coletânea de textos sombrios, se G.H. não nos surpreendesse com cócegas no cérebro. Vencendo a tristeza intrínseca do tema com uma seleção de idéias e vocábulos bastante pessoal, ela alcança momentos radiantes tanto na esfera do pensamento quanto na da palavra. A leitura torna-se imperdível e, para maior proveito, recomenda-se que seja desfrutada aos golinhos.

E com o sorriso nos lábios e a lágrima debruçada na pupila, concluo que G.H. contradiz a afirmação de Nelson: primeiro porque não envelheceu, renasce a cada verso, e encaixa toda a seriedade do viver numa linguagem atual e criativa, num hoje poético. Parabéns.

Doc Comparato

O vôo da borboleta azul

Era meados dos anos 80 na gostosa e velha Ipanema azul. Sol batia na gente rio de janeiro, na gente carioca, na gente capixaba chegada agora, como eu.

Uns olhos azuis fumegantes brotados de um fundo moreno diziam poemas de cor entre os varais de poesia na praia. Era a Glória. Adorou meus poemas e me convidou pra dar uma canja no Manga Rosa, um bar muito bacana lá na Dezenove de Fevereiro, onde ela apresentava um espetáculo com música e poesia. Disse que eu ia adorar. Era a Glória. Adorei e o dono do bar me contratou. Ficamos amigas mais forte, nossas poesias dialogaram entre si fartamente.

Assim nasceu nosso show poético que batizamos de **A Hora Agá**, com direito a violão do Jorge e berimbau do Nestor Capoeira. Com muita dedicação, plantávamos. Havia um forte movimento de poesia falada e eu acabara de entrar nele pela madrinagem daquela linda poeta.

O **Sangria**, seu primeiro livro, um sucesso na boca daquela geração. Seu poema hit, **Amizade Dolorida**, era o máximo. Todo mundo tinha na cabeça e/ou no coração ao menos um pedaço. O poema pra sereinha filha Maíra ser feliz e mulher, tudo virava era poster na casa da gente.

O tititi de nossos versos prosseguiu por outros bares, outros bairros, outros Búzios, lágrimas, amores e gargalhadas. Depois Glória escreveu o romance **Sexo Urbano**, uma prosa sedutora de se ler. E daí foi ser Penélope

das lãs e das linhas. Tecelagem, fazer mestrado em tramas. Nesses anos, de vez em quando, ela numa festa, ela numa coincidência de Ipanema, de barraqueiro, de Batista, uma estória nova, um amor forte um abraço poemático e tchau.

Agora, na roda linda da fortuna, os versos nos tornam de novo assíduas parceiras, estudando poesia, provocando poesia e ela volta a dizer versos na Escola Lucinda de Poesia Viva. Sempre os disse muito bem. Que saudades dos versos ditos pela boca de Glória.

No meio da matança dessa saudade chega a mim sua jóia preciosa: **Borboleta Sumaríssima**.

Um mútuo antropofagismo se apossa do meu encontro com esse livro: é um tal de devora daqui, devora dali. *Garrei* nele, ele *garrou* em mim. Levei ele pra todos os lugares, viajei com ele, fui pra longe, fui pra perto, sempre lendo relendo decorando verso sem querer, lendo pros amigos ouvirem. **Borboleta Sumaríssima** acompanhou-me em aeroportos e estradas, hotéis e pousadas, ao lado de Quintana, Manoel de Barros, Drummond, Adélia e outros esses meus amiguinhos de sempre.

É assim que sei quando um livro é bom: quando não se quer largá-lo, quando se tem saudade dele lá no meio do supermercado e o tal objeto cheio de páginas ficou em casa em cima do sofá, que raiva!

Borboleta Sumaríssima é assim. Um panapaná resumo de todas as borboletas que parece ser a cada hora uma só e por isso sumaríssima. A gente vai dando uma morridinha doce num poema, amassa uma asa, uma mãe adoce e a gente emagrece junto com aquele verso. De-

pois a gente continua a morrer pra renascer em Búzios, numa esperança teimosíssima que se espalha dentro da caminhante poesia de Glória. Reconheço o roteiro da fala dessa escritora no verso escrito dela, seu poema balbucia, soletra, conversa no seu estilo especial de ser sinopse e cenas o tempo todo. São filmezinhos, tramas de palavras sinceras arrumadas para permanecerem no estado fresco daquela mirada poética original:

*“Voltassem os peixes.
Comprariamos sofás novos.
Mãe teria filhos bem humorados
que trariam boas novas.
Poderia revê-la gorda no vídeo, de noite,
escondido, depois que todos dormissem.
Envelheço porque vou perdê-la”.*

Eu, que já tinha perdido a minha, dei de envelhecer com o poema e fui visitar em mim o momento anterior ao horror de perdê-la.

Depois de uma lacuna de dez anos sem publicar, Glória vem com esse livro revelar novo título para a sabedoria de durar nos tempos, aquela famosa sabedoria que nunca se tem aos vinte anos:

*“Asas guardadas na mochila, comemoro o dia novo.
Riquezas subsolas.
Estratégia do amadurecimento”.*

Como sempre foi, Glória não faz poesia de esconde-esconde, daquelas que ninguém entende o assunto.

Tampouco é uma poesia que se envergonha de sofrer bonito assim. Mesmo morrendo ou renascendo a cada página, **Borboleta Sumaríssima** não consegue ser um livro triste. Tem a habilidade de quem sabe versar tocando no triste como mote mas não como morte do amanhã:

*“Mãos de fogo
cravadas na cintura.
Largue meus pneus.
Quero ser veloz,
livre e louca,
mesmo velhinha”.*

Sensível e urbana, diz que:

“Um saldo é chique como um salto”.

Bem-vinda à nossa estrada que é sua, aquela que você generosamente me apontou e da qual eu vivo até hoje com orgulho, amiga. Nossos poemas ainda dialogam livres no quintal da cidade. Bela literatura a sua que não larga a saia compridíssima de seu dom. Fumegam antigos novos olhos azuis sobre as asas iguais. O leitor provará o sabor deste presente. É a Glória.

Elisa Lucinda

Rio, 05 de julho de 1999



Regina Juliãule

DROPS

A vida é um drops
na boca da saliva.

CARTELA DA VIDA

Confiro a cartela da vida.
Um futuro chegou súbito.
Pois se ainda era ontem.

CALENDAS

Passa um tempo e não chega outro.
Lembro de um tempo aberto. Ar livre.
Pego a folhinha e localizo a vida.

SEMANAS DE PONTEIRO

Pequenos itinerários.
Semanas de ponteiro.
Não podia prever tantas raízes.
O óbvio me sobressalta.
Acordo igual e me assusto.
Em algum lugar do caminho fui perdendo as cores.
Ajeitei-me.
Transito quase sem sofrer.
Envelheço como todo mundo: aos pouquinhos.

ROUGE

Mamãe está ficando mais leve,
há dois meses não pinta os cabelos,
é a única pessoa do mundo que ainda usa rouge.
Imagino-me sem pai nem mãe,
náufraga.

Voltassem os peixes.
Comprariamos sofás novos.
Mamãe teria filhos bem humorados
que trariam boas novas.

Poderia revê-la gorda no vídeo, de noite,
escondido, depois que todos dormissem.
Envelheço porque vou perdê-la.

DIQUE

Muda a moeda e fico sem o valor das coisas.
Sou levada.
Trago a fumaça da cidade e expiro.
Sou tragada.
Espio a passagem do tempo à deriva.
Estou passada.
Pasma, nunca mais me antecipo.
Como um níquel, desvalorizo.
Praga.
Não planejo.
Pago as contas e finjo de morta.
Fecho o mês, o coração, as comportas.

O PAI

Vivesses hoje
não terias gosto.
Resmungasses, choramingos.
Contando os dinheiros.

Família partida,
coisas mal-sucedidas.
Coleção de fiascos.

Talvez sem encanto,
me aborrecerias.

Guardo de meu pai uma lembrança alegre.
Lá,
apesar dos desacertos,
havia esperanças para todos.

Hoje é difícil.
Hoje é longe.

Ontem dançamos madrugada adentro:
cantoria, uísque,
trenzinho, sobrinhas.
Tudo tinha a tua cara.
Pude te ver ali, vivo,
braços pra cima,
olhos azuis avermelhados,
em plena folia.

Vendo os netos que não viu.
Terias, e apenas, sessenta e oito anos.

GERIBÁ VAZIA

Geribá vazia, me dou conta, sol na cara, ondas. Juventude, essa palavra mágica. Era outro dia e ali estava, sempre ventando, mar de promessas, chacoalhando nos meus próprios pés, eu sabendo-me passageira, bote atravessando. A qualquer momento o coração dispararia. Eu só tinha um pequeno desejo: mudar o mundo inteiro, seu rodízio e seu balanço. Era mágica e eu tinha consciência. Não deu nem um minuto e envelheço, injustiça. Viço balão pêndulo em brasa, lá no alto do céu, quase a perder de vista. Choro pela praia de antigamente, eu nela. Chateio-me hoje no amadurecimento. Cai a fruta enquanto vence a conta, muitas espalhadas pelo chão do apartamento. Levo mamãe ao médico e rimos na fila, quase à toa, só porque ela vai viver mais um pouco. Saímos dali e passeamos de táxi, engarrafadas e felizes porque a vida é um privilégio. Veja, mamãe, como ficaram as ruas de Copacabana depois das obras. Choro só de noite. Queria tê-la bem velhinha me aborrecendo. Balão aceso, incerto, baixo, fogo fraco e iluminado. Preparo-me para perdê-la sem remédio enquanto Búzios se emancipa. Não há como evitar este fado de sexta-feira à noite, ouço de propósito, eu mesma liguei o som para saborear bem acre a amargura de não ter os meus próprios vinte anos quando a lua era grátis e eu não tinha que carregar tantos fardos e sacolas de supermercado. E Búzios volta, vota pela primeira vez já que perdeu a inocência: o paraíso onde habitarei eternamente, de cabelo comprido e biquini, mãe jovem e filha na barriga. Finge que papai era vivo, que meu casamento daria certo para sempre e que um dia eu seria artista, muito artista, mas tudo isso só muito mais tarde, perto do ano dois mil, quando o futuro viesse, sorte grande, esse cai-cai, longínquo balão, bem aqui, na palma da minha mão.

FALTA DÁGUA NA CABEÇA

Duzentos dias e nenhuma fresta de sombra, nesga de nuvem, nada. Faltando água, ainda por cima. A única alegre é a mamãe, que acorda quando fecham o registro e desce as escadas para se relacionar com vizinhos e porteiros, carregando baldes escada acima e abaixo, respingada de água geladinha nos ombros, jovial e lépida. Descubro que em outra encarnação ela morava à beira de um rio e lavava roupas e era tão feliz porque seu único problema era não ter canos. Quando falta água em Copacabana vejo vestígios dessa alma reencarnada, saudades da outra vida... Bom vê-la assim, nessa alegria camponesa. Mas dura pouco a nossa festa e logo logo a Cedeae conserta o defeito e mamãe volta a cochilar no sofá da sala.

ÚLTIMA LISTA

Girando no carrossel da cabeça dela: aumentou a Golden, é preciso pesquisar os preços dos remédios, sexta sai o resultado do sangue, dia dez vence, ligar pro homem da farmácia, pedir receitas, marcar médicos, comprar moela pra cachorrinha, diminuir os impulsos, sentir apetite, comprar café, morrer em casa.

REGIMES

Mamãe passa pela sala com visitas. Meio que sorri pra mim. De boca cheia fechada fingindo de vazia. Farelos na cozinha. O mesmo de sempre sorrisinho. Comer escondido. Antes era gorda, era nova. Agora magra, agoravó, mesmíssima.

SOBREVIVÊNCIA

O apartamento:

tem muitos comprimidos,
de dormir, de acordar, de emagrecer.
Pílulas.
Mãe que dorme de luz acesa e porta aberta
controlando os outros.
Libido aqui não.
Cantoria aqui não.
Beijo na boca aqui não.
Pode cocaína, cachaça com tomate, limão.
Qualquer coisa que adoce o veneno:
receitas compradas e remédios.

Doenças:

geladeira árida, pó nos corações, transfusões.
Cortinas perfuradas, poídas.
Camas desmanchadas, urina, sangue no nariz.
Perdas.

De propósito:

tranqüilizantes espalhados pelos móveis da casa
convidando os filhos
a morrerem só esta noite com a mamãe.

Na janela quando um filho sai,
de joelhos quando um filho bebe.
Bíblia em voz alta,
cambaleia.
Vasculha gavetas, copia agendas, engole os recados.
Mata.
- corta os impulsos -

cheirando as cuecas, o hálito, os lençóis dos filhos,
comendo seus restos no prato,
bebendo nas veias o sangue emprestado.

A violência:

carteiras batidas, durante o sono, e por gente da casa.
Ditos de hoje eu me mato,
pedidos de me empresta, me dá, me empresta, me dá,
me empresta a palavra da casa é não.
Sirenes levando os parentes.

Medo:

que o apartamento não tenha porta de saída
e nenhum médico.

Por favor:

um hospital que salvasse a minha família.

Noite virada
e página.

Arranquei-me viva dali enquanto tinha tripas.

POLIELA

A mulher me espera e me espelha.
 Quer ser amada
 em crepon. Presente breve,
 fazer-me diferente para toda a vida.
 Confunde os rótulos
 que esperavam vê-la macha. Polainas.
 Inverte os batons.
 É muita.
 Penso em reparti-la.
 Reflete-se. Confunde-me.
 Amassando os papéis
 sociais e o consenso.
 Única. Poliedra.
 Me enche de umbigos.

TERRENO E MINADO

Termino minando tudo que te lembra.
 Estou exausta.
 Vejo um filme na memória e estou em paz:
 tentei de tudo. Fiz de mim o que não era possível.
 Dei outras a você e assisti tudo.
 Eu caberia ali, naquele meio.
 Se você me preferisse, seria um pacto.
 Mas você é absoluto.
 Só vai onde manda o seu desejo.
 Seu desejo mandou em mim
 muitos anos. Oito no meu gozo
 nos meus feriados. Mas morri por dentro
 enquanto te esperava.
 Só distante de ti me sinto viva.

SESSÕES DE ADEUSES

Perco o mesmo homem
todos os anos,
há muitos,
todos os meses.
Nunca vai de todo,
lá se vai de novo.
Leva consigo sempre um tíquete duplo,
e volta,
passa na roleta dos meus quarenta anos.
Hoje trouxe um certo rosto gordo,
um gosto de amor morto.
E nunca vi mãos tão vazias.
Aceito esta oferta de vento.
Sopro a velha ferida,
a casca dura,
a marca,
a migalha.
A eterna perda,
pedra no sapato.
Sangue nos pés,
rastros no caminho.
Onde andei,
onde andaste,
não fomos juntos.
Destilar, um dia,
um velho arrependimento.
Não há vida esperando,
braços cruzados, na esquina.
Há um trem veloz
sobrepondo camadas de dias
sobre as noites.
E nós, os sobreviventes.

O CORPO DO AMANTE MORTO

O corpo
do amante morto.

Mãos frias
profissionais
farão a assepsia.

Carne fresca,
olhos vendados.
Não ver de novo.
Não vibrar.

Asas do perigo
pálido
trazendo dias
mornos
sem seu calor.

Em outro mundo ele fode.
Explode.
Granadas junto às estrelas.

Pergaminhos.
Perambulo.
Sem abraços.

O corpo do amante morto
jazz (ele gostava).

Tombar e cair no esquecimento.
Solos.

Eu múmia embalsamada
sem coragem de desejar

tento envelhecer depressa.
Marco as rugas no relógio.
Espero o tempo, só ele.

Queria voltar aos 25 anos
quando amava,

esquecia

e amava de novo
depois de todos os mortos
com a mesma alegria.

Flores hoje
não perdoariam os atos.
Lágrimas, perdões de joelhos.
Chulas contrições.

Não morro no enterro do tolo morto.
Melo o fogo, cremo o jogo.

Afogo o choro num corpo
que jamais me tocará neste mundo.

Engulo e defeco as alianças.

FRUTO, FOGO E PANO

Todas as manhãs esperaria. Sóis.
É dela a ilha, o fruto, o fogo e o pano.
Voltar singrando: longa viagem.
(Quem sabes naufragaste num caminho)
No horizonte, ei-lo.
O pescador perdeu os cabelos e tosse.
Ela tem estrias. Ele chora porque atrasou-se.
Pensava em voltar, sempre.
Teve mulheres nos portos, filhos, largou-os.
Ela desejava o impossível: fidelidade.
Ele desejava o impossível: juventude.
A vida passou do mesmo jeito que passa o minuto.
Ele solta as amarras e o barco se afasta.
Onde está ela?
Na sua frente, invisível duna salgada e lágrimas.
O vento esfacela e ela...
Eles têm o resto da vida.

ÓVULO MÍSTICO

Chegas como o sangue: todo mês.
Há um pai sobrando na distribuição dos filhos.

Bastaria tirar o apetrecho da buceta
(com **u** porque é minha) e quem sabe viesses.
Ora te vejo e te embalo, nítido menino encarnado,
ora te deixo cair
no esquecimento.
Mísero óvulo místico, escorrido
entre tantas humanidades que nunca nasceram.
É tarde pra ti, guri.

OPORTUNIDADES DO MUNDO

Não vou abrir a porta pois fiquei velha.
Mesmo que ele tocasse.
Meus cabelos, ele não reconheceria.
Nunca mais foram grandes como naquele tempo.
E se ele estiver calvo, ou calmo, ou livre.
O tempo, o medo, a dor, foi isso:
um dia atrás do outro.
Me vejo refletida nos vidros escuros das lojas,
sou outra. Vejam como caminho.
Esqueço a figura antiga, cadê retratos?
O vento, o sol, o tempo,
os filhos depressa.
E tivemos todas as oportunidades do mundo.
Uma realidade
que sempre aí esteve me engole os sonhos.
Estou enquadrada.
Em algum lugar ele também envelhece.
E tudo está perdido.

LÍNGUA DE ALGODÃO

Se ao menos falássemos,
saberíamos.
Mas o algodão da boca
o chumbo da língua
o nó cego da garganta
a dispersão das palavras.
O medo de nomear, domesticar, perder.

PACTO

Um pacto de aventura. Perigos, coragens.
 O coração exposto ao sol
 como uma bússola quente.
 E muito sexo. Sofrimento sim
 mas da transgressão alegre.
 Foi este o combinado e me traíste.
 De terno e de tarde. Taras,
 só na hora do almoço.
 Amante executivo. Nu de óculos escuros.
 Não ser reconhecido. Não há dúvida, é ele.
 Menor e enquadrado.

A PATA

(Tu me envolves com artimanhas e eu caio)
 Contigo não tem jeito, cismaste.
 Sei que me segues enquanto outros desistem.
 Sinto teu olhar como um canhão de teatro.
 Anos lá se vão. Namorados na fila,
 rugas novas, pelancas fresquinhas.
 Mesmo assim me adoras.
 Tenho filha criada, fios brancos,
 hoje mais de quarenta. Não vêes que envelheço?
 Ora, não te dás conta?
 Ao primeiro descuido me agarras,
 qual Dorian Gray, jovem e barato.
 Mãos de fogo
 cravadas na cintura.
 Largue meus pneus.
 Quero ser veloz,
 livre e louca,
 mesmo velhinha.

CINTURA PARA RITMOS

Queria ser livre
de saia e sandália.
Voz para cantos.
Cintura para ritmos.
Mãos para alimentos.
Sumos.
Quero caule e rebolado.
Gostaria de ser marceneira
numa cidade pequena
e cantar domingo
no coreto.

PRO LABORE

Tenho orgulho dessa gente que trabalha
que carrega
nas costas, no ombro, no braço.
Sacola, carro, carrinho,
balde, pedras, latas,
enxada, grãos, ancinho.
Orgulho dessa gente
que mama no seio da Terra
e, sem patrão,
constrói ninhos.
Tenho orgulho dessa gente que trabalha em grupo
transpira
e logo logo
onde não havia nada
brota.

COLCHÃO DE PEDRAS PARA O NATIMORTO

Arrancaram-me os olhos
 para que eu não te revisse e no entanto
 unhas sujas de meninos sulcam meu corpo.
 Os que dormem nas quinas
 do escuro da casa.
 Tropeço e tenho medo.
 Sussurram *tia tia tia*.
 Costas nuas lanhadas,
 lêndeas no ladrilho.
 Cheiro mau de desamparo.
 Retalham-me a pele,
 gilete, cacos de espelho, facas ponteagudas.
 Filetes de sangue
 contra a parede da infância.
 Mortos nas chacinas.
 Eu ralhando. Correm com meus documentos.
 Cola de sapateiro. Selariam meus olhos.
 Revejo:
 Fome de amor, de pai, de mãe, de lençol,
 colchonete, aula, doce, planos, remédio.
 Socorridos:
 edredon, cafuné.
 Um corpo inteiro que te abraçaria
 - desarmado -
 materno, na praça da cidade.
 Balançando-te no colo, rocambole, refugio,
 aconchego de menino.
 Manjubinha ninado rumo à ponte.
 Farelo da barbárie.
 Fast food do desenvolvimento.
 Pátria Mater te lançando às águas.
 Automutilada.
 Mamãezinha te dando de comer aos peixes.

OLHO MÁGICO

Olho mágico. Médio. Espiando pelas grades
dos arranha-céus. Seguranças, guaritas,
alarmes, vigias. Vidros fechados.
Aquários sobre rodas.
Varridos da cidade.
Desprotegidos, quase detentos.

ORAÇÃO DA SERENIDADE

A violência, fruta da miséria, fruta de abocanhar, fruta da ganância, má divisão de bens, materiais, espirituais e intelectuais. Todos têm direito a saber, comer, dormir, pensar. Boa tarde, senhoras e senhores desculpe estar interrompendo o silêncio dos senhores poderia estar roubando quem puder agradeço quem não puder agradeço também, vão com Deus, batata, cebola, arroz, óleo, sal, carro de vidros fechados, fresta: isso é um assalto, tenho um revólver, quero dinheiro, se não der, atiro quando o sinal abrir. Concedei-me, Senhores, a serenidade necessária para aceitar como são as coisas que não posso modificar, coragem para modificar aquelas que posso e o mais importante, o mais difícil (concentrem-se nisto, Senhores): Sabedoria bastante para distinguir umas das outras pois é aí que eu me atrapalho, Senhores, aceitando aquilo que está ao meu alcance mudar e tentando feito louca mexer em situações sem remédio.

DISK

Mamãe reza na linha.
O céu tem número e conforta.
Solidão eletrônica.

DIA CINCO

Acordei hoje como se fosse rica, rica de dinheiro, é o que digo. Abri a geladeira e estava cheia de esperanças. Conferi o extrato e não perfumava. Tomei café lentamente então fiz um plano: voltei pra cama, lá, onde os sonhos não dão rasteiras e o universo é vago. E então fiz compras de cabeça e viagens na memória. Sei que esse dia chegaria, ainda que intercalados de outros bons pelo caminho: ei-lo. Sei que vou sobreviver, sei que vou dar um jeito cansada de dar jeitos, meus pés pisam em provisórios, em esperanças, naquelas que deviam me abandonar mas não me abandonam como se um louco desvairado me tivesse dito um dia que as mantivesse.

Acreditei e sigo.

Abandonados pelo rastro do percurso: poemas, casamentos estáveis, profissões vantajosas, terrenos seguros. Recebo aquele rabo de soslaio que pensa : “é doida”. Pensa: “É doida”. Sempre soube que esse dia chegaria, aqui está de uma vez e não vai matar-me.

Ninguém evapora quando acaba o contrato de trabalho. Seria fácil isso: virar passarinho, ter um acordo com Deus, firma reconhecida, viver enquanto puder pagar as prestações da existência. Uma vez findo o prazo, zás pra onde é grátis. Deus faz contrato de boca e não tem falado comigo. Eis o dia em que tudo terminaria: hoje.

Dia cinco chega e ora, ora, ora, isso não é nada. Você vai sobreviver a isso. Vou com certeza. Mas quero mais que isso, muito mais que isso, rios caudalosos e turbilhões a mais do que isso. A roleta me joga, olhos inchados, no pano verde da esperança.

MAÍRA DANÇANDO

O olho da filha me faz mais bonita, quero chorar e acho graça pra que ela me veja. O riso da filha é milagre, penso. Quero ser feliz para recebê-lo, mesmo sem chão, mesmo com tantas dificuldades. Ela olha, e vê a mãe tocando as amarguras pra frente com a barriga como quem dança um xaxado.

Se ninguém tão lindo me visse, no instante em que a terra se abre e eu despenco, provavelmente fecharia os olhos e me deixaria morrer de queda, de gordura, de rugas, de rancor, de vingança contra o sistema, de mágoa contra o mundo que não me abre a Porta da Esperança. Mas logo logo ela vai chegar da escola, de sandalhinha Melissa, cabelão, corpo esculpido e forte, sem se dar conta da própria exuberância, e vai cantar com Gil e Caetano pelo apartamento enchendo o universo de acordes e alegria. E talvez eu dance com ela, mesmo de olhos inchados, pra me lembrar de como é mesmo que se vive a vida porque eu sabia e esqueci.

PANINHO E DESMANCHA

Mamãe quer que eu coma laranjas.
Acorda com o aumento do condomínio.
Mamãe apaga as luzes,
conta impulsos
marca médicos.
Procura teias nos cantos
ciscos nas paredes
pegadas na cera, no tapete.
Rastros.
Vem com um paninho e desmancha.

PÁTRIA MATER

Mamãe da porta dando adeus.
Despedem-se as carnes,
o cabelo liso está indo embora,
nubla o olho verde-amarelo,
pátria e leoa minha, Pátria Mater vaidosa.
Troveja. Mamãe morre aos poucos,
sonho que me abraça.
Vejo mamãe em tantas idades.
Doente, nunca mais foi gorda.
Queria teus braços, carne farta, vaidosa,
falando em regimes, tinhosa, com seus repentis.
Hoje emagrece e arruma os documentos.
Abre os braços pra mim, mãos esticadas,
sem gênio.
Cabelo ralo e papéis em ordem.

FIOS DE AÇO

Um corpo muito magro
ainda vive e espera.
A morte passa e é eterna.
Adeus mundo conhecido.
Vai doer? Onde está Deus,
que não vem buscá-la pessoalmente?
O sol, o vento, o engarrafamento
não são para todos. Penso e enlouqueço.
Bloqueio o pensamento: dique.
Penso em coisas pequeninas:
comprar a boca do fogão, conferir o boletim da Maíra.
Amarro-me à Terra com fios de aço.



SONHO

Sonho que eu e mamãe nos afogamos.
O mar está bravio e caudaloso,
desce como um rio abaixo.
Ela separa-se de mim e é levada.
Uma rede de grades e arranha-céus me coa.
Cachoeira. Desespero. Grito.
Não posso ir com ela.

LACRE

Sete chaves
lacram meu pranto.
Sei que vivo porque dói.



PASSAPORTE PARA O ESQUECIMENTO

Os carros que me levariam.
Passaporte para o esquecimento.
Amigos, Maíra, mãos e malas, muitas.
Aventura e segurança.
Assim seria.
Estaríamos alegres e sol.
Sorte, o bom tempo.
Olhos em novas paisagens.
Águas desconhecidas.
Estradas desimpedidas.
O tempo passa veloz e eu perco.

DESCALABRO

Procuramos falar,
uns com os outros,
e cumprir os movimentos diários,
como se a morte
não estivesse sentada à nossa porta.
Procuramos ser gentis,
uns com os outros.

Mamãe diz:

-É. Até que eu tive a vida direita.

Tateamos pelo cotidiano,
sabendo, todos,
que cada olhar é despedida.

Frágil, sopro, leve,
mamãe se desmancha.

Vão-se as carnes fartas.
Vai-se o sorriso pronto.

Deitada
no sofá da sala
recebe as visitas
vendo televisão e esperando. O sol
já não bate nela.

A morte ronda a casa.
A nossa.
A saúde é de ferro.
E a vida é de louça.

O domingo de hoje
chuvoso recebeu sobrinhos.
A família finge que não,
mas despede-se.

A qualquer hora mamãe partirá
para o caminho secreto
e aparecerá em sonhos.
Acordamos,
transitamos e dormimos
enquanto dura a agonia.

Há um pássaro branco
pousado no vidro da janela,
aguardando o momento
exato de libertá-la.

Mas a família não pode tirar
férias coletivas.
Então cumprimos nossa rotina.
Descalabro.

A MORTE

A morte não chegou de repente e zás.
Anos sentada à nossa porta.
Empatando.
Dezembro levou mamãe no colo,
bebê pequenino.
Doída,
agora posso viver.
Vaidosa,
molhando as rugas.



DIAS SEM PENSAR NELA

Dias sem pensar nela
e de repente:
O *sabonete* de um banheiro público.
Prolongando a morte no hospital.
Meu choro
para sempre convulsivo.

ESCONDÊ-LA DOS VIZINHOS

Sonho que sou minha mãe e que sofro.
Ela dorme um sono infinito.
Seu sofrimento não.

À noite esvai-se morta na banheira.
De manhã acorda,
lava os lençóis vermelhos.
Há dias.
Nunca enterrá-la.
Escondê-la dos vizinhos.
Hoje o sonho foi este.

MEMÓRIA ATRAPALHADA

A memória é uma mala atrapalhada
onde perdemos a noção de esperança.
É melhor fingir que na vida pode tudo.
E brincar como uma criança que não se recorda.
Asas guardadas na mochila, comemoro o dia novo.
Riquezas subsolas.
Estratégia do amadurecimento.

RAÍZES DA ALEGRIA

Escavo as raízes da alegria com dentes.

São fundas.

Unhas.

Agarro as sementes.

São minúsculas.

As folhas do riso
brotam como fonte.

Fio água.

Filho da terra.

Feto.

Filete.

Dele extraio as forças
como se extraísse um dente.

Mordo.

São nacos,
réstias, frestas,
fatias.

São ínfimas.

Favos.

Flocos.

Fuligem.

Bagaços sem sumos.

Sucos de nada.

Espera pura.

Agarro a alegria
como quem agarra o náufrago,
o remo e o bote.

AS GRADES DA CULTURA (1)

Posso plantar uma borracha e colher esquecimento. Antes que a alegria volte (e chegará logo), quero receber cumprimentos. Ninguém mais que eu esperou sentada o dia em que a leveza voltaria e transformaria tudo o que passou nos últimos anos num história mal contada, quase esquecida, como se tivesse acontecido com outra pessoa. Foi comigo mas não guardo marcas. Perdi a lembrança no amontoado desarrumado da memória, misturado com músicas da infância, situações da outra vida, sonhos de dormindo e sonhos de acordada, somente a ponta do fio amarrado ao poema, nisso me reconheço, outras coisas voaram como eu voaria se fosse poeiríssima. Posso dizer em bom tom que nunca sofri e dançar com as massas a dança da moda usando brincos bem grandes. Posso pular o recorte da tesoura e instalar-me em outra cultura, adotar outros valores como se fossem meus próprios filhos, sassaricar legítima em outras datas ignorando as católicas e nunca nunca mais assistir filmes americanos.

AS GRADES DA CULTURA (2)

Caminhar incoerente pelas vielas da moldura. Quero romper com as grades da cultura como uma obra de arte moderna que se atira quadro afora e foge de todos os nomes até ser puro prazer de nada.

AS GRADES DA CULTURA (3)

Desamarrem-me. Gostaria de fazer hoje um passeio como quem tem uma gorda poupança e estivesse nas férias de um emprego formidável. Som. É com dança que atravessarei todas as salas. Quero respirar fundíssimo.

LÍNGUA QUE SÓ LAMBE NÃO COMUNICA

Verborragia estanca o sangue das palavras coaguladas casquinhas de sorvete e ferida misturando mercúrio, cromo e sorvete, cores frias, broncas, perdas, mazelas, rotas, desconjugá-las, verbas femininas, decompor e recompor desordenada, rima não pode, caldo, atravesso o ritmo feito uma rua de milagres, hemodiálogo, língua que só lambe não comunica.

MEIA PALAVRA BASTA

Acho gozado os poemas sobre o sol e o vento. E também aqueles de tema oculto. Gosto de fazer-me entender, mesmo atolada nas palavras. Me agrada dar pistas. Nunca esconder-me nos versos. Revelar-me, pelada e confissionária. Para bom entendedor, pingo.

ADAPTABILIDADE

Adaptabilidade é uma palavra poética. Nem por isso me instalo nas realizações impostas pelo consenso. O bom senso é enfadonho. Anúncio de cartão de crédito. Um par de amantes bem vestidos. Taças. O consumo é um barco minando água. Sala de janelas bem fechadas para que não entre poeira e perguntas.

À beira do século

ainda deve haver um jeito de ser indecente.

CURSINHO

Encho a cabeça com coisas que não servem para nada.
Assim é também a memória:

presta-se.

Decoro números, nomes, frases sem sentido.

Loteio o pensamento.

Amontôo como quem faz uma mala desnecessária
e depressa, não viaja.

Exijo que a lembrança me devolva todos os itens
quando eu assobio. Uns submergem,
outros voltam à tona desconectados.

A cabeça funciona, oficina. Martelo idéias, números,
competências. A prova passa

e fico com essa reserva,

um lago morno onde bóiam sucatas.

A correnteza levará todo o tempo perdido
para o fundo do mar do esquecimento.

Minhas informações preciosas
afastando-se barquinhos, uma a uma.

A mente vazia, balde.

Em algum lugar do mundo

as informações flutuam pólens.

Abrir perspectivas.

Agarro a flor e o vaso, a terra e as raízes.

É quente o bafo

que sopra as velas veleiras dos relógios marcando,
uma a uma, as senhoras.

Eternas aniversariantes, envelhecem só por dentro.

Morre gente e eu recebo a notícia.

Preciso distribuir condolências.

E sugar o caldo da vida enquanto entorna.

NOVAS FATIAS

Aparece uma chance.
Nada do que eu sonharia.
Mas é com essa que eu vou.
Como se fosse meu o desejo.
Não reclamo, reciclo e festejo.
A chance veio mesmo sem ser minha.
Agarro e legítimo.
Agradeço o milagre.
E ponho uma pedra:
a partir de hoje novas fatias.

MARALTO

Pronto,
estamos de novo inseridos
na roda gigante das coincidências.
É assim que constelamos,
deixando à deriva.
Transpassando a fronteira que liga
o País do Inevitável
à Terra dos Sem-Juízo.
Cruzo a linha tênue do Inaceitável.
Vou de liteira.
Senhora.
O vôo do abismo desemboca no lago.
O vale é longo e marea.
A vertigem é da terra firme e ampla.
Planície é labirinto,
horizontes por todos os lados.
Este é o perigo e desnorteia.

OBJETO A

Tudo apaziguado, os sofreres.
É quando tudo está ordenado que a vertigem.
Planto pés melhor nos desajeitamentos.
Com o tempo, este sim, bate records.
Me desalinha.
Calçando doces conflitos que a vida boa caminha.

HERMÉTICA

Chove e depois chove.
Escrevo, e agora computadorizada.
Não há mais a caneta do outro livro, que às vezes era citada, metafórica. Deleto tudo que não rime comigo.
E teclo os pensamentos pequenos.
Ana chega com seus planos. Tudo tem ritmo hoje, tudo tem privilégio. E enquanto chove, chove.
Fico tentada a fisgar um poema enigmático, socializado e hermético, pra que ninguém entendesse e eu pudesse ser incompreendida e inteligente. Mas o entardecer banal, cotidiano, pingos humanos, calçada molhada.
O ronronar dos automóveis arrodando a Lagoa, essa agenda eletrônica que guardei em algum lugar e sei que está no quarto pois de hora em hora apita.
Esse nada profundo que bóia tolo porque tem vida.
Nada me leva à Filosofia.
Vontade de esquentar um pão no forno, e suspirar na janela alegre e de folga.
Sortuda porque não guardo rancores.
De lado os amores do tempo da pedra, recomeço sempre que posso, pois posso ser louca mas não me acomodo, areia e louça, hoje sou firme como aço.

FAMA

Teria que escrever com data certa, hora marcada e depois explicar o poema na entrevista e responder em cadeia nacional como é a minha vida sexual.

Perderia o direito a envelhecer e seria criticada:

- Esta safra de poemas é inferior à safra anterior.

Guardo os poemas num cantinho. Segredo.

Não meço nem faço esforços.

A inspiração quando vem é gratuita.

Poeta bom é poeta morto.

AÉREA

Acho muito chique

ser uma pessoa aérea. É um truque

ter cabeça de vento. Pousar no momento exato reparando.

CASULO

Onde me transformo.

Deixa estar que um dia eu viro borboleta.

Nem que seja pra ter vida curta.

NAFTALINA

Meio louca.

Só pode ser quem assim se transmuta.

Trapézio, amnésio.

Esqueço e me salvo. Patins

no gelo seco da memória. Passo o passado a limpo e engaveto junto

dos casacos de lã fortíssima.

QUANDO INTERCEDEM AS ESFERAS

Quase toda noite ela fala comigo.
Dormindo, me confundo.
Quer que eu faça sanduíches pra Maíra,
de lanche. Ora essa.
Acordo e obedeço.
Manda em mim do outro mundo.
Longe não está.
Guarda, aguarda o meu sono
e chora, ri, lembra,
comanda.
Continuo a ter mãe mas só de noite,
quando intercedem as esferas. E de dia,
mágica ou cômica,
falo com ela.

ESCORPIÃ RENASCIDA

Escorpiã renascida,
começaria mudando os vestidos.
Acordaria Rei Midas, magra.
Sem brancos nem lapsos
e sem devaneios.
Completamente inteligente e gamada.
O objeto amoroso,
sujeito a erotismos,
corresponderia.
Exijo anjos da guarda.
Nunca abrir mão deste séquito.
No mais, morte instantânea.
Estando eu conservada.
Felicidade é isto.



NOSSOS MORTOS

Nossos mortos vão descer.
Mas ninguém consegue ver.

A filha chora. A mãe
não consegue ir embora.

Pede no sonho rosas
brancas
para deixar a casa.

Pede passagem. A perda
ganha tons mágicos.

Ela atravessou a porta
que liga o hoje a todos os tempos.

Preciso ser espírita enquanto a dor não passa.

É sublime
conversar com os mortos.

O que era doce então
não acabou-se.

Repito minha mãe nas coisas que gosto nela.

Fortaleço nossos elos.
Porque nunca é tarde demais nem para sempre.

CINELÂNDIA DAS SEIS

Desabasse uma paixão na minha cabeça.
Ressuscitaria. Findo dia. Anoi-tece lá embaixo.
Baixinho, a Ave-Maria.
A Cinelândia, européia,
pomposa e iluminada,
mistura grãos de gente.
Vejo a Cinelândia por sobre as árvores,
e hoje tudo é vento e folha, pombo e gente.
Cabelos, saias, papéis, galhos e nuvens,
tudo revoa e balança, esvoaça.
Tudo move e a praça é viva.
Eu na proveta, na astronave, na temperatura ambiente.
Morando onde moro: entre os livros.

BALÃO CONCURSADO

Como um balão
de gás concursado
inscrevo-me fio na teia
risco no xadrez, jogo,
pertencimento e pessoas,
algumas boas. Ave-Maria é reza e é música.
Cálido o anoitecer da janela.
Canta o tempo,
o relógio e a rotina,
o vidro das oito horas diárias.
A vida transcorre
e eu gosto das bibliotecas.
Trabalho como todo mundo
e choro em ponto:
por dentro e às seis horas.

FLOCOS PALAVRAS

Somos o que sonhamos.
Cadentes. Ardentes, solúveis.
Como um redoxon vivo: efervescentes.
Pegar ou largar risos
como flocos rindo e rimando.
Palavras remando ao acaso.
Feito um louco, solto as palavras.
Elas que signifiquem.
Estou cansada de expressar-me.
Palavras estrelas consteladas.
Não querem dizer nada.
De algum modo tinham que estar dispostas.

HIFENLIZ

Auto-centrada. Auto-referente.
Auto-mática. Mate-me, temática!
A poetessa hoje não tem dor
de palavras
brinca.

IH, A GLÓRIA!

Deus pôs as mãos na cabeça e gritou: Ih! A Glória!
Está culpado, anda querendo me fazer agrados.
Todo dia uma coisinha.
Finjo que não noto. Não sou santa mas perdôo.
Deus também deve ter lá seus brancos,
suas distraçõezinhas.
Agora ele olha meu retrato de alma velha
e se arrepende.
Eu me aproveito e quero tudo: valha-me!

PSICOLÓGICO (1)

Deitado na cama,
de repente,
o homem vira estátua.
Retira-se.
Deixa o corpo sobre o meu,
ninguém dentro.
Constrangida.
Puxo assunto: nada.
Ausentou-se.
A barriga, minha, almofada dobrada.
Peitos, solando, um sobre o outro,
balançando feito índia.
Pneus, gelatina,
raízes puxando os olhos.
Veias que não se via.
Preciso cobrir-me.
Afinal, sou uma velhinha amassada
pelo corpo frio
de um velhote que não deseja.
Cem anos.
Fico feia de repente.
Gorda que não consigo levantar-me.
Um carinho ao menos,
um sorrisinho.
Nada.
Dificulta.
Dorme.
Morreria.

PSICOLÓGICO (2)

Brinco, óculos, cabelos no ombro, ele.

- Tenho quatro camisinhas pra você.

Brinca com meu pé,

desmancha meu cabelo, mexe no corpo
todo, enquanto fala.

E fala fala fala

enquanto a mão,

boba,

devaneia.

Eis uma mão que adora corpo:

irrequieta.

Alisa, molda,

pega, aperta, vasculha.

Feito um cego de nascença tatearia a nua.

Procuro a barriga, a minha.

Cadê?

Enxuta.

Reta como se malhasse.

DUREZOFOBIA

Com saldo fico alegre, vejo graça na vida,
teço planos e tecidos.

Vislumbro.

Um extrato é um termômetro.

Um saldo é chique como um salto.

O ETERNO NAMORADO

O eterno namorado,
bonito como há vinte anos,
pega os óculos para ler.
Pego os meus e rimos.
Rimamos. Pronto,
já estamos vendo tudo:
rolaremos de novo entre os lençóis
camas de hotéis
atemporais. Vai ser olho no olho e zás.

ESPELHOS E CONTEMPORÂNEOS

A vó da minhamiga
faz aniversário e.
Lanche para as velinhas. Em torno da mesa
o assunto gira: dores, remédios e médicos.
Ninguém mais sassarica.

DEPRÊ

A realidade é uma massa recortada de nada.
Flutuamos ou afundamos. Mãos de tesoura,
a mídia é fútil como uma garota de programa.
A depressão da platéia tem origem: alienamento.
A depressão da platéia tem remédio.
É comprimido e é inventado pela medicina.
Contra a depressão que vos assola só há uma arma:
interessar-se. Levantar o véu que vos robotiza.
Controle remoto, desligar a tevê.
Navegar em outros mundos.

AVE-MARIA NO CENTRO DA CIDADE

Mamãe dorme
e sonha com a filha funcionária:
todos os destinos são bobinhos.
Salvo poemas na memória.
Deleto os naufrágios,
todinhos.
Meia de seda, novos amigos, a vida é fácil.
A memória, rã, pula volátil
nos alagados de uma rotina
onde um dia se parece muito com o outro.
Variar aos domingos e nem sentir agonia.
Feriado oferecer almoço e reunir família,
(inventar uma porque sou carona).
Dia trinta receber dinheiro.
Sete gatos,
atar todas as vidas
numa só e dar laços,
muitos eus, nós de marinheiro.

ÁGUA NO FOGO

Um domingo como o de hoje,
sobrancelhas e pentelhos negros de tinta,
eis que remoço.
O almoço da família emprestada esfumaça a cozinha,
e eu estou alegre.
Ipanema é bonita nos domingos de veranico.
Nunca vi tanto passeio junto.
Guardo tudo que é triste na última gaveta.
Esquecer é uma delícia.

CONGELADOS

Tempo passa veloz
e a vida é longa como um túnel numa fotografia.

Na festa de família os anos correm para todos.
O arsenal de primas envaideceria meu pai,
coruja que há vinte anos
foi-se embora para a noite secreta,
onde moram tantos.
Cada vez mais referências
do lado de lá do incompreensível.

Às vezes rezo para que não exista nada
além dessa vida.
Medo da desorganização divina.
De morrer e encontrar burocracias,
filas e injustiças.

Deus caprichou na arquitetura humana.
Mas guardou porções admiráveis de caráter só para Si.

Entre os quarenta e os cinqüenta,
minha geração vai se reorganizando.

Envelhecer é tornar-se auto-referente, auto-suficiente.
Envelhecer é cristalizar experiências
de quinze anos atrás,
e falar delas como se fossem de ontem.

Resta conservar uma certa loucura
sem perder os eixos.
Uma rebeldia cujo nome não se pronuncia.

Entramos dois mil meio emergentes,
colarzinho de ouro,
louro celular no ouvido e músculos no braço.
Lentes de contatos verdes.

Ligados na Globo.
Que me roubaria neurônios, se eu assistisse.

Cada vez mais o mundo que finge ter dado certo
tem a cara de um shopping na Barra da Tijuca.
Eu, tão Ipanema simpatizando com Santa Tereza,
diminuo o número de brincos.

Geração desabrochada entre a invenção da pílula
e a catástrofe da aids.
Curti o flash.
O boom.
Um bom boom, aliás ótimo.

Comprimidos, camisinhas.
Hoje guardo tudo numa caixinha de isopor no freezer.

O ÚLTIMO CONVIDADO

O último convidado
ressona
no sofá da sala dessarrumada.

Eis.

Era o mais animado da festa e resta
apagado entre guimbas.

Farelo,

era o mais galinha.

Sobra entre copos bebidos,

salgados mordidos,

talheres cruzados,

e outros restos.

O último convidado é uma metáfora.
Inventei essa cena fictícia.

FESTAS

Gosto de festas.

Suores. Cores,
roupas, futilidades.

Adoro as futilidades.

De noite.

Especialmente com música.

Gosto de copo e fumaça.

Risos exagerados.

Confissões deslocadas.

E até falsa alegria.

CARIOCA

Porque faltou água na vila,
e pifou a bomba da cisterna,
cismeï de tomar banho cedo.

Dos três aparelhos de telefone que tenho em casa,
um toca, um disca
e o sem fio anda. Às vezes,
paraíso é um marido que conserte.

É carnaval hoje
ou quase. Banho tomado e de balde,
fui sozinha pro bloco
tentando não suar muito.

Nem reparei nos moços.
Vi mãe e filha
atentas
catando latas.

REALIDADE É PÁGINA EM BRANCO

Escrevo em língua secreta
palavra que não se comunica.
Construo as margens.
Imagens, miragens.
É no leito desse rio
que durmo e transbordo
cercada de pequenas coisas:
uma gota, um grão, um confete,
um fio de cabelo curto.

REVIDE

Ouçõ a gritaria de vizinhos.
Palavrão, choro de criança
e cada bate-boca.
Uma noite discutiram por causa de um bife.

Canto alto,
umas músicas do Milton Nascimento.
É meu modo de esbofeteá-las.
Deve ser horrível ouvir isso:
a voz alegre.

VIDA BREVE

De quando em quando me desinteresso.
Mergulho numa eternidade latente que me habita
e vejo o mundo lá do alto,
formigas de gente, baldes de palavras.
Fico tão realista que pareço santa.
Se morre a mãe de alguém, digo: *é assim*.
E fujo da tristeza como um claustrofóbico.
E respiro alegria e ar.
Acabo intolerante.
Qualquer coisa acho bobagem.
Importante é combinar festas
marcar programas
convidar amigos.
A futilidade me assalta efêmera como uma balsa.
É preciso ser fútil pra viver cem anos.

VENTILADOR GIRATÓRIO

Amanheço avessa.
Vou à primeira aula e acho todo mundo feio.
Enterro a mãe da amiga e a morte me atrapalha.
Queria ir à praia,
recitar a tarde inteira e namorar em seguida.
Acho a vida muito curta
quando vou ao São João Batista.
Perco horas todo dia.
Mais vou perdê-las decorando leis e prazos.

Queria mesmo era estudar um corpo bonito
e conhecê-lo.
O rapaz que me agarrou no escuro seria uma boa idéia.
Mas ele tem mulher e ela o maltrata.
Comigo não tem grandes planos, ele disse.
A gente se encontrou no claro
e ficou reparando um no outro
escondido
enquanto ela o ignorava
na frente de todo mundo.
Eu disse que ele havia cortado os cabelos.
Ele confirmou que corta duas vezes por ano
e disse que eu estava bonita.
De longe nos vigiamos.

Preciso defender a tese antes de começar Direito.
Começo uma coisa sem terminar outra.
Só penso na terceira, a poesia.
Adélia, Quintana, Drummond, bom navegá-los.

Ela desapareceu na areia durante quase uma hora.
Ele ficou com olhos de ventilador giratório.

AS REENCARNAÇÕES E SUAS CANTIGAS

Uma página em branco,
quarenta e quatro anos e nenhum editor.

Cisma.
Sol lá fora, esse me tenta.
Viciada nisso: praia.

Sonho dormindo com águas cristalinas.
Saudades do tempo em que eu era Tupinambá
antes da chegada das caravelas.
Andava nuazinha, pintada e descalça.

Dou valor às coisas minúsculas
porque também sei o que é guerra santa.
Guerra étnica. Imperial, separatista.

Lembro perfeitamente o dia em que, nevando,
fui obrigada pelos soldados
a entregar minhas coisas todas:
pertences, identidade, vida dos parentes.
Só porque eu tinha cabelo amarelo e olho puxado.

Trancada com tanta gente numa cela sem janela
nem banheiro privativo.
Banhos de sangue.
Poucos ilesos.
Fugir de um país é tão difícil
quanto fugir de uma época.
A gente acaba pegando em armas.
Muitas vezes fiz:



tacapes, flechas, pedras,
forças, mísseis, metralhadoras.
Tudo que eu pedia a Deus
era pedalar na ciclovia domingo,
sem hora pra almoçar.
E de segunda a sexta estudar.
Qualquer coisa
que não fosse treinar pontaria.



Escapar de um século e mergulhar noutro,
era o que eu queria.
Ler sobre a escravidão nos livros.
Blues, rocks, sambas.

Não ter vivido a era dos castigos,
açóites, guilhotinas.
Chibatadas, paus-de-arara, choques elétricos.

Índia velha
pintando cestos,
ornamentando corpos.
Floresta, a palma da minha mão.
Medo era só trovão.
Espantava com cantoria.

E é por tudo isso que sou prosaica
e dou valor às coisas pequeninas:
gargalhada,
prato com comida,
música ao vivo.



SERVENTIA

De cada dez habitantes de Paris,
três vivem internados.
Sou dos sete, não dou um pio.
Mendigos, loucos,
tudo que não tem serventia.
Doença venérea se cura
em quinze dias e dez chicotadas.
Quando eu era muito pequena
via os mendigos serem expulsos da cidade
cercada por muros
e arqueiros cujas flechas.
Ninguém voltava.
Cheirava a churrasco doce
a fogueira dos sodomitas.
Eu era adolescente e assistia.
Manga madura,
adoro espiar os outros no calçadão domingo.

NAU DOS LOUCOS

De manhã bem cedinho
o tempo volta. A Nau dos Loucos
me deixava aflita.
Imaginava o cheiro.
É porque sei o que é olhar em volta
e só ver horizontes
que sou assim poliana.
Poliedra coração de pedra.
Insana.
De volta à Copacabana.
É de noitinha,
o tempo foi-se embora.

HISTÓRIA DA LOUCURA

“Os Grandes Medicamentos são aplicados
uma vez por ano.
Todos ao mesmo tempo: na Primavera.
Os doentes são sangrados o mais tardar
até o fim do ano.
Uma vez por semana tomar vomitórios.
Após o quê, purgamos. O Superintendente
nunca viu muita vantagem
na prática da Medicina.
Acredita que o seqüestro
e a coação
podem ser impostos
de modo mais vantajoso
a título de punição. Acha que o medo
é um princípio eficaz
para reduzir os loucos
a uma conduta ordenada.
Há anos tem sido assim
antes de mim.
Isso me foi transmitido por meu pai.
Não conheço prática melhor.
Durante 150 anos, os doentes venéreos
vão ficar lado a lado com os loucos
na mesma prisão.
Aos domingos e por um penny
podemos assisti-los.
Eles fazem alguns passos de dança e acrobacias.
Vapt vupt comanda o espetáculo.
Um chicoteador.
Nosso hospital está ficando rico.”

MEIA CULPA

Enxergo nitidamente não o fantasma
mas o capítulo.
Vai passar:
Vira-te, folha!
A dor dos dedos lambidos,
páginas viradas.
Apego, medo, tempo, culpa.
Essa é pretensiosa.
Choveu demais, fui eu!
O inquilino estraga o apartamento
de terceiros, fui eu!
Em mim alguém sempre descarrega.
Não sei o que houve, descarga,
sei que fui eu.

Daí imagino-me balsa sem remo e deriva.
Emudeço. Evito
atitudes. Congelamento.
As coisas aconteceriam
mesmo que eu fosse estátua.
Isento-me. Ausento-me.
Entro no poema e saio do fato.
Bicho na goiaba, minhoca da terra :
certos amanhã
nascem dentro.
Enfrento:
laboratório, oratório, divãs.
De lupa e cientista, sujeita,
rezo e examino o bicho fato,
o objeto.
Olha o fato!!!Tem perninhas!!!

ABRA, CADABRA

Cadabra é uma palavra mágica, aberta.
Desconcerta e faz com que cada. Desliga-se.
Faz com que bata asas o martelo das idéias fixas.

CHANCELA DOS QUARENTA

Ter que esperar pelos bons fatos
que sei que vão acontecer
é um exercício de manter a boca fechada.
Não por medo de inveja, essa coisa não temo.
Por outra razão: viver melhor o hoje
enquanto prevejo e espero.

Com onze anos eu parecia ter dezoito.
Usava brincos enormes, unhas vermelhas compridas
e muita maquiagem.
Dava bons conselhos, era minha especialidade.

Foi preciso atravessar a cancela dos quarenta
para distinguir os que ouvem dos que não.
Outro exercício de calar-me.

Escrevo mas não cumpro.
Falo sobre os fatos que virão, idéia fixa.
Dou palpite até na rua
em assalto a terceiros.
Sem medo me meto.
A gente quando é assim não muda.

Dez minutos de ginástica por dia está muito bom.
Não luto mais contra mim.

MAMÃE NA FOTOGRAFIA

Vejo mamãe na estranha fotografia:
jovem, casaco escuro,
câmera de filmar no olho piscado.

Feliz
talvez
nos Alpes Suíços.

Nunca mais foi vista assim:
tão ao ar livre.

No porta-retrato, a foto é uma janela.
E nada no mundo é mais diferente dela
que essa moça filmando na neve,
momento breve.
Gosto da imagem por isso.

Porque o Rio de Janeiro é sempre quente
e mamãe não viajava,
nunca a vi de casacos.

A foto não é mais nem menos
que todos os seus instantes.

Clico esse:
eternamente e fugaz
mamãe curte em paz.



Ei-la borbolha, borboleta sumariíssima.

PRAZERES

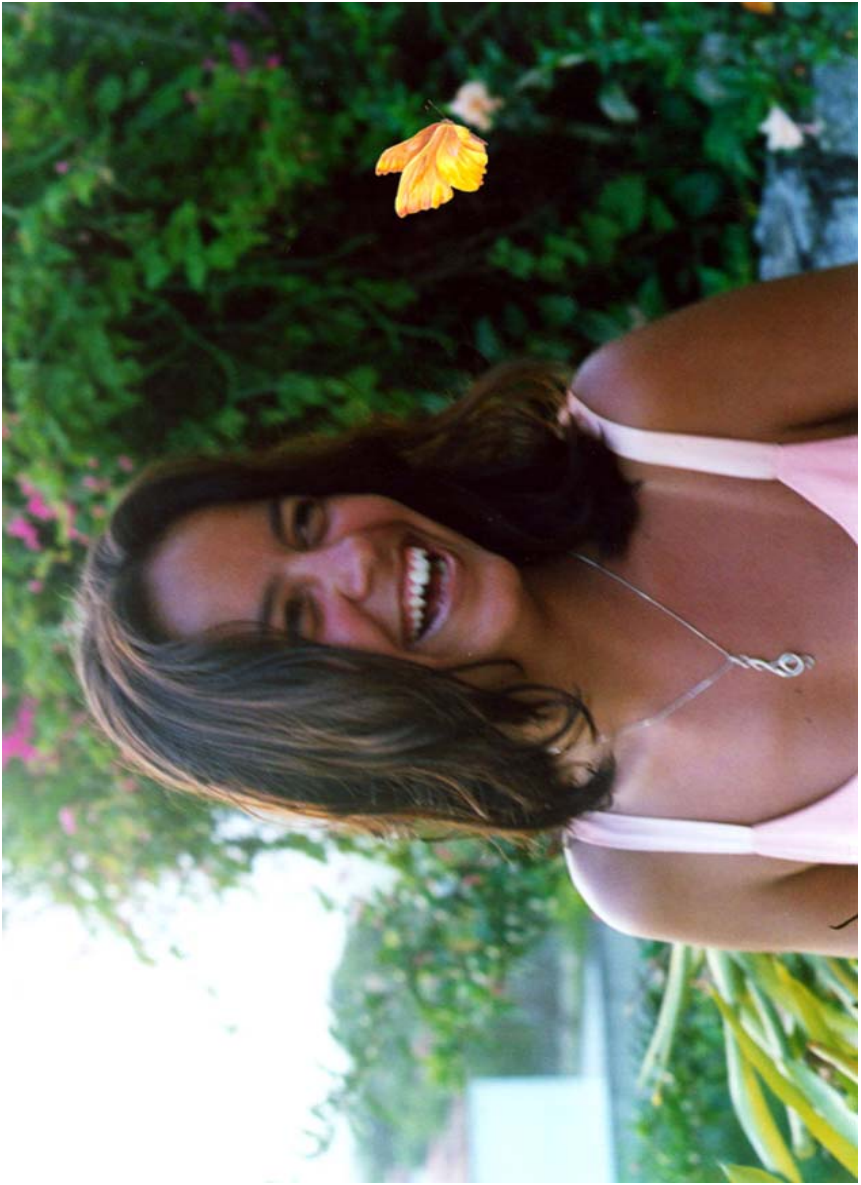
A idade de quarenta e cinco vai chegar e por isso eu fico assim: com preguiça. Quero isso: uma tarde e inteirinha. Se eu soubesse desse lado bom a cada semestre aniversariava.

É o seguinte: sou assim e pronto. E quase não me aborreço. O que foi foi, o que não foi foi-se. O que será será e enquanto espero descanso. Durmo feito uma pedra toda noite e sonho muito. Acostumei com as saudades, são santas.

Guardo um tanto enorme assim de amor numa caixinha mágica mas é da minha mãe, do meu pai, dos meus longes, dos meus distantes e de todos os meus amores que não fomos felizes para sempre juntos e agora ponto. Mais amor perto, hoje, tanto, muito, agora, nesse instantinho feito ar, atmosfera, feito pássaro solto e voa, feito pipa empinada, feito aviãozinho, feito riso frouxo pois quanto mais se ri mais se ama e quanto mais se ama menos se dói de saudade e quanto menos dor mais riso e então mais se canta mais se ama mais e mais se recita e quanto mais se recita aumenta a dose diária de riso, viciada nisso, tarada em gargalhada. Boca-língua-dentes, dependente dela. Eu sempre quero mais, nunca sei a hora de parar, basta o primeiro sorriso e lá vem ela, do estômago, das estranhas entranhas risonhas, som que não é nem canto nem fala, emocionante ouvi-la, explosão, vozeirona ou estridente, silenciosa, muda, sincopada, pra fora ou pra dentro soprando um ar de lufadas e traz até lágrimas, que lindo: Chorar de rir.

Tragam-me isto e de bandeja porque sou senhora: lágrimas de tanto rir.

Gargalhada é pra sempre,
é a única coisa que fica para sempre.



Índice

Abra, cadabra	61
Adaptabilidade	37
Aérea	41
Água no fogo	49
Ave-Maria no centro da cidade	49
Balão concursado	44
Calendas	11
Carioca	53
Cartela da vida	11
Casulo	41
Chancela dos quarenta	61
Cinelândia das seis	44
Cintura para ritmos	25
Colchão de pedras para o natimorto	26
Congelados	50
Corpo do amante morto	20
Cursinho	38
Deprê	48
Descalabro	32
Dia cinco	28
Dias sem pensar nela	34
Dique	12
Disk	27
Drops	11
Durezofobia	47
Escondê-la dos vizinhos	34
Escorpiã	42
Espelhos e contemporâneos	48

Eterno namorado	48
Falta água na cabeça	15
Fama	41
Festas	52
Fios de aço	30
Flocos palavras	45
Fruto, fogo e pano	22
Geribá vazia	14
Grades da cultura	36
Hermética	40
Hifenliz	45
História da loucura	59
Ih! A Glória!	45
Lacre	31
Língua de algodão	23
Língua que só lambe não comunica	37
Maíra dançando	29
Mamãe na fotografia	62
Maralto	39
Meia culpa	60
Meia palavra basta	37
Memória atrapalhada	34
Morte	33
Naftalina	41
Nau dos loucos	58
Nossos mortos	43
Novas fatias	39
Objeto a	40
Olho mágico	27
Oportunidades do mundo	23

Oração da serenidade	27
Óvulo místico	22
Pacto	24
Pai	13
Paninho e desmancha	29
Passaporte para o esquecimento	31
Pata	24
Pátria Mater	30
Poliela	18
Prazeres	64
Pro labore	25
Psicológico (1)	46
Psicólogo (2)	47
Quando intercedem as esferas	42
Raízes da alegria	35
Realidade é página em branco	53
Reencarnações e suas cantigas	56
Regimes	15
Revide	54
Rouge	12
Semanas de ponteiro	11
Serventia	58
Sessões de adeuses	19
Sobrevivência	16
Sonho	31
Terreno e minado	18
Última lista	15
Último convidado	52
Ventilador giratório	55
Vida breve	54

Glória Horta é jornalista e mestra em Antropologia da Arte. Trabalhou em editoras e agências de publicidade como revisora, copidesque e redatora. Durante seis anos foi professora de Tecelagem Manual. Atualmente trabalha na Subsecretaria de Documentação e Divulgação da Justiça Federal do Rio de Janeiro.

Além de *Borboleta Sumaríssima* (1999), é autora de *Sangria* (1984/1986) e *Sexo Urbano* (1989).

gloriahorta@gmail.com
Rio de Janeiro

Homepage
www.gloriahorta.net

Este livro não está à venda nas livrarias.